

GENTES DA EJA: cartografia de uma educação insurgente

Júlio Araújo

Resumo

A presente resenha analisa a obra *Gentes da EJA: além da subcidadania e da exclusão*, de Luís Carlos Ferreira (2024), destacando sua relevância teórica, política e epistemológica para o campo da educação de jovens e adultos (EJA). O autor, docente da UNILAB e bolsista de produtividade em pesquisa da FUNCAP, apresenta resultados de uma investigação empírica no Maciço de Baturité (CE), propondo a categoria “gentes da EJA” como ferramenta conceitual e gesto ético, que atribui centralidade aos sujeitos historicamente marginalizados. A obra, prefaciada por Jane Paiva (UERJ-CNPq), articula fundamentos teóricos em autores como Castel (2013), Souza (2018, 2023) e Bourdieu (2011). Nesta resenha, propõem-se interlocuções críticas com pensadores como Mbembe (2018a, 2018b) e Asante (1980), a fim de ampliar o campo de leitura da obra. Argumenta-se que o livro reposiciona a EJA como espaço de produção de saberes insurgentes, contribuindo de modo incontornável para os debates sobre justiça educacional e escuta epistêmica no Sul Global.

Palavras-chave: educação de jovens e adultos; subcidadania; epistemologias do Sul; justiça educacional; gentes da EJA.

EJA PEOPLES: mapping an insurgent education

Abstract

This review analyzes the book *Gentes da EJA: além da subcidadania e da exclusão* by Luís Carlos Ferreira (2024), highlighting its theoretical, political, and epistemological relevance to the field of youth and adult education (EJA). Ferreira, a faculty member at UNILAB and a research productivity fellow at FUNCAP, presents findings from an empirical study conducted in the Maciço de Baturité region (Brazil), proposing the category “gentes da EJA” as both a conceptual tool and an ethical gesture that centers historically marginalized subjects. The book, prefaced by Jane Paiva (UERJ-CNPq), draws on theoretical contributions from Castel (2013), Souza (2018, 2023), and Bourdieu (2011). This review offers critical interlocutions with authors such as Mbembe (2018a, 2018b) and Asante (1980), expanding the interpretive possibilities of the work. It is argued that the book repositions EJA as a space for insurgent knowledge production, contributing decisively to contemporary debates on educational justice and epistemic listening in the Global South.

Keywords: youth and adult education; subcitizenship; epistemologies of the South; educational justice; *EJA peoples*.

GENTES DE LA EJA: cartografía de una educación insurgente

Resumen

Esta reseña analiza el libro *Gentes da EJA: além da subcidadania e da exclusão*, de Luís Carlos Ferreira (2024), subrayando su relevancia teórica, política y epistemológica para el campo de la educación de personas jóvenes y adultas (EPJA). Ferreira, profesor en la UNILAB y beneficiario de una beca de productividad en investigación de la FUNCAP, presenta resultados de un estudio empírico realizado en la región del Maciço de Baturité (Brasil), proponiendo la categoría “gentes de la EJA” como herramienta conceptual y gesto ético que sitúa en el centro a sujetos históricamente marginados. El libro, que cuenta con un prefacio de Jane Paiva (UERJ-CNPq), se apoya en aportaciones teóricas de Castel (2013), Souza (2018, 2023) y Bourdieu (2011). Esta reseña propone interlocuciones críticas con autores como Mbembe (2018a, 2018b) y Asante (1980), ampliando las posibilidades interpretativas de la obra. Se argumenta que el libro redefine la EPJA como un espacio de producción de saberes insurgentes y de escucha epistémica en el Sur Global.

Palabras clave: educación de personas jóvenes y adultas; subcidadanía; epistemologías del Sur; justicia educativa; gentes de la EJA.

RESENHA

Luís Carlos Ferreira, pesquisador da UNILAB e bolsista de produtividade em pesquisa da FUNCAP, oferece à educação de jovens e adultos (EJA) uma obra de marcante sensibilidade teórica e engajamento político. *Gentes da EJA: além da subcidadania e da exclusão* expressa um esforço analítico rigoroso, ancorado em compromisso ético com sujeitos historicamente silenciados pelas instituições escolares.

Com prefácio sensível e vigoroso de Jane Paiva (UERJ/CNPq), referência nacional em EJA, o livro ganha densidade e chancela acadêmica. Seu eixo central é a análise das intersecções entre exclusão social, subcidadania e as trajetórias das “gentes da EJA”, categoria formulada como ferramenta conceitual, gesto ético e afirmação insurgente. A obra se estrutura em três capítulos articulados por sólida progressão analítica.

O primeiro capítulo, de natureza teórico-conceitual, desenvolve a categoria “gentes da EJA” a partir de Castel (2013) e Souza (2018, 2023), compreendendo esses sujeitos como protagonistas de trajetórias marcadas por exclusão e resistência. O conceito é apresentado em três seções: a construção da referida; filiação social em Castel; e subcidadania em Souza. Essa estrutura sustenta a EJA como espaço político de disputa por reconhecimento e dignidade, onde emergem sujeitos historicamente invisibilizados.

No segundo capítulo, a concepção de “ser gente” é aprofundada como direito humano fundamental, articulando o habitus precarizado (Bourdieu, 2011), a identidade e a função política da escolarização. A análise percorre quatro categorias: subcidadania, habitus educacional precário, construção identitária e implicações para políticas públicas. A EJA é apresentada como espaço de mediação entre negação e reconhecimento, precariedade e projeto de dignidade.

O terceiro capítulo analisa dados empíricos da pesquisa realizada no Maciço de Baturité (CE), com base em entrevistas e observações em escolas de EJA. A investigação destaca a escolaridade dos pais, a exclusão intergeracional e o retorno à escola como ruptura com ciclos de negação. A análise se organiza em três eixos: território e população; heranças escolares e desejo de reingresso; e crítica às políticas de “inclusão excludente” (Gentili, 2009). As falas são tratadas

como narrativas de resistência e reafirmam a EJA como espaço de reconfiguração identitária e justiça social.

A sofisticação da obra está na articulação entre teoria crítica, empiria e ética, sem abrir mão da clareza textual. A escolha da palavra “gentes”, plural, afetiva e política, rompe com a linguagem técnica usual da EJA. Ferreira adota um estilo que equilibra rigor acadêmico e escuta sensível, compondo uma escrita rara. Destaca-se, ainda, a leitura interseccional que reconhece raça, classe, gênero, território e idade como dimensões entrelaçadas da subcidadania.

Embora ancorada em Castel e Souza, a obra poderia ampliar seu alcance com diálogo mais explícito com autores africanos que leem a exclusão como projeto de desumanização racial e epistêmica. Mbembe (2018a) teoriza o “devir-negro do mundo” como conversão de corpos em resíduos sociais. A condição das “gentes da EJA”, frequentemente racializadas e periféricas, dialoga com essa lógica necropolítica (Mbembe, 2018b).

O pensamento afrocentrado de Asante (1980) poderia ampliar a dimensão epistemológica da obra ao conceber os estudantes da EJA como produtores legítimos de saberes insurgentes, e não apenas como alvos de políticas reparatórias. Essa perspectiva recentra sujeitos subalternizados como agentes narrativos de sua própria história. Ao evidenciar como raça, classe, gênero e território atravessam as experiências das gentes da EJA, Ferreira (2024) aproxima-se dessa chave interseccional, fundamental às epistemologias do Sul e à justiça educacional.

Gentes da EJA impõe-se como leitura urgente para pesquisadores, educadores e formuladores de políticas comprometidos com a justiça educacional. Em tempos de apagamentos, Luís Ferreira ilumina as margens e convoca a pensar com elas. Ao propor o conceito “gentes da EJA”, oferece também um convite ao deslocamento epistêmico: trocar o olhar burocrático por uma escuta comprometida com histórias e sonhos. A obra deve integrar a formação docente, sobretudo nas licenciaturas e na educação popular.

Finalmente, mais do que uma contribuição à literatura da EJA, o livro de Ferreira é um ato político de escrita, pois, ao nomear sujeitos antes tratados como “usuários do sistema” ou “dados do censo educacional”, o autor reconhece e legitima sua condição de narradores e agentes de sentido. Mais do que descrever o mundo, *Gentes da EJA* o reescreve a partir das margens, onde pulsa o sentido da justiça.

REFERÊNCIAS

- ASANTE, Molefi Kete *Afrocentricity: the theory of social change*. Chicago: African American Images, 1980.
- BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATAVI, Adriana (org). *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 41-64.
- FERREIRA, Luís. *Gentes da EJA: além da subcidadania e da exclusão*. Curitiba: CRV, 2024.
- GENTILI, Pablo. O direito à educação e as dinâmicas de exclusão na América Latina. *Revista Educação e Sociedade*, Campinas, v. 30, n. 109, p. 1059-1079, set./dez. 2009. Disponível em <https://www.scielo.br/j/es/a/7CLbgjQSMbW6hX7T9wbQ4mn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 15 ago. 2024.
- MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. São Paulo: N-1 Edições, 2018a.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: n-1 edições, 2018b.

Submetido em julho de 2025
Aprovado em outubro de 2025

Informações do autor

Júlio Araújo
Universidade Federal do Ceará
E-mail: araujo@ufc.br
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7399-3769>
Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3016042855685546>